

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO E USO DO SOLO URBANO

IPPUR



ANÁLISE URBANA E MORFOLÓGICA

ESTUDO DE CASO: JARDIM GUANABARA – ILHA DO GOVERNADOR

RAFAEL DA SILVA VERISSIMO

Rio de Janeiro

Orientadora: Fania Fridman

NOVEMBRO 2006

Sumário

01. Introdução	Pág. 03
02. Histórico	Pág. 03
03. Modelo aplicado na configuração do bairro	Pág. 05
04. Características do bairro	Pág. 06
05. Análise urbana e morfológica	Pág. 09
06. Conclusão.....	Pág. 18
07. Bibliografia.....	Pág. 16
08. Anexo.....	Pág. 20

1. Introdução

A paisagem urbana se apresenta estruturada de várias maneiras tanto na sua forma física quanto no seu conteúdo, localização, talhe ou dimensão. Com efeito, esta abriga elementos e fatores de ordens distintas conferindo-lhe características peculiares à sua organização, disposição e apreensão.

A paisagem urbana está em constante metamorfose devido a influências e fatores oriundos da sua própria evolução, tenazes ou infrutíferas intervenções, atividades exercidas por agentes permanentes ou provisórios, atributos naturais qualitativos, entre tantos outros fatores que figuram e moldam sua configuração.

No tocante à paisagem carioca, o presente trabalho planeia focar, ainda que de forma sucinta, sobre a temática da paisagem urbana do bairro Jardim Guanabara, localizado na Ilha do Governador na cidade do Rio de Janeiro buscando perscrutar e analisar sua morfologia, sua configuração urbana e seus principais elementos.

2. Histórico

A ocupação da localidade é datada de agosto de 1761, quando o então Tenente André Alves Pereira Vianna adquiriu uma fazenda no local situada de frente para o mar. Posteriormente, em junho de 1785, o Tenente Vianna assina uma escritura no valor de 150 mil réis para a construção na sua propriedade da Capela Nossa Senhora da Conceição, que em meados do século XX, foi tombada e concedida ao Patrimônio Histórico do Rio de Janeiro. Em 1966, a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara inventaria a capela, situada na Praça Jerusalém (Figura 01) sendo esta o único bem tombado existente nas cercanias.

Figura 01
Praça Jerusalém (Meados do século XIX)



Fonte: Arquivo da Cidade

De 1816 até 1859 a produção na região era predominantemente de base agrícola mas, a partir de 1860 instaura-se uma nova e importante atividade econômica: a fabricação de tijolos e telhas.

A região que compreende o bairro atualmente era formada por cinco morros: Morro do Engenho Velho, Morro do Limão, Morro da Santa Cruz, Morro da Mãe D'água e Morro da Covanca (Figura 02).

Figura 02
Mapa da Ilha do Governador (cerca de 1890)



Fonte: Mapa esquemático da Ilha do Governador, feito a partir de base cartográfica do Arquivo da Cidade.

Autoria: Rafael da Silva Verissimo

Em virtude desta atividade, em 1878 os irmãos Ernesto e Augusto Cândido Gomes iniciam a construção da Fábrica de Produtos Cerâmicos Santa Cruz, situada no terreno adjacente ao da capela. As telhas e tijolos confeccionados ali tinham como símbolo uma cruz-de-malta e tais artefatos em pouco tempo podiam ser encontrados na própria Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro ou até mesmo na Argentina. O terreno da fábrica fazia parte de uma fazenda pertencente aos monges beneditinos que haviam construído uma residência para abrigar Dom João VI quando este, de repouso, vinha para caçar acompanhado dos seus amigos da Corte Portuguesa.

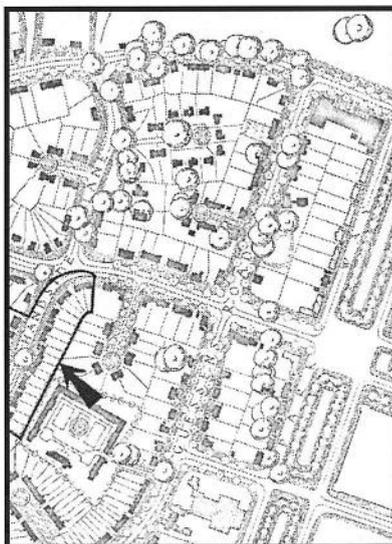
Em fevereiro de 1903 a Fábrica Santa Cruz transforma-se em companhia imobiliária e adquire a Fazenda Conceição, onde hoje fica o Jardim Guanabara. Vinte e três anos depois, a companhia imobiliária promove o loteamento do bairro. Tal loteamento foi projetado por Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), formado em Engenharia Civil pela Escola Politécnica de São Paulo em 1917, cujo este era fortemente influenciado pelas idéias e soluções formais do movimento *Garden City* (Cidade-Jardim) difundido por Ebenezer Howard. Sendo assim, o bairro prosperou e elevou seu padrão de qualidade de vida, situação que é mantida até os dias de hoje, atingindo o terceiro lugar no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) no estudo realizado pelo Instituto Pereira Passos (IPP).

3. Modelo aplicado na configuração do bairro

Conforme citado acima, Ebenezer Howard foi o difusor do movimento Cidade-Jardim no final do século XIX na Inglaterra, cuja perspectiva propunha o equilíbrio entre o desenvolvimento e crescimento econômico incorporados aos problemas sociais relacionados ao projeto e ao desenho da paisagem urbana. Howard buscava solucionar problemas relativos à insalubridade e à pobreza amenizando tais efeitos através do estabelecido de uma nova relação campo-cidade.

Figura 03

Esquema proposto para cidade de Welwyn, Inglaterra - 1920



Fonte: <http://www.rickmansworthherts.freereserve.co.uk/Howard/site1.JPG> - Em 05/07/2006

A proposta concebida por Howard visava a migração da população para os subúrbios como uma alternativa à maciça concentração dos centros urbanos e suas deficientes condições de salubridade e higiene. A conceituação de Cidade-Jardim baseava-se em um modelo diferente de organização social, econômica e territorial, cuja viabilização engendraria um novo ambiente residencial de baixa densidade com predominância de espaços verdes.

A proposta projetual consistia em ruas e superfícies arborizadas, espaços saudáveis e conexos por acessos legíveis e coerentes, abertura do interior dos quarteirões formando pátios numa espécie de releitura das antigas quintas anglo-saxônicas como espaços de convivência e estruturador das construções que lhe margeiam, proporcionando dessa maneira, a conviviabilidade dos seu moradores.

4. Características do bairro

Com uma área de aproximadamente 3.65 km², o bairro Jardim Guanabara está localizado na Ilha do Governador, na Área de Planejamento 3 (AP 3) pertencente à XX^a Região Administrativa da Cidade do Rio de Janeiro (Figura 04). Com perímetro assentado sobre topografia acentuada e confrontante com a Baía de Guanabara, o bairro desenvolveu-se a partir do loteamento de 1926, cuja proposta inicial era a de um bairro industrial onde se congregaria o aproveitamento racional e prático dos transportes rodoviário e marítimo.

Figura 04
Ilha do Governador e seus bairros



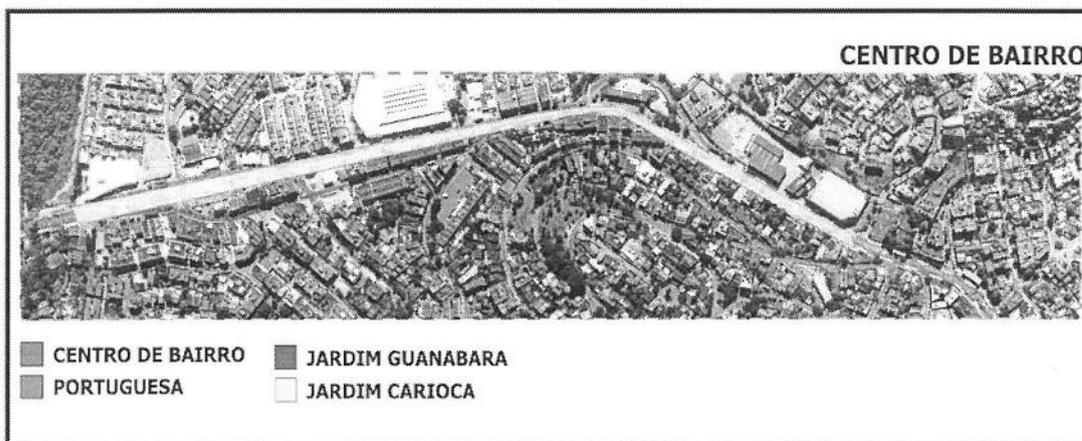
Fonte: <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/conteudo/r6/3/m01.gif>. Em 22/09/2006

Contudo, isso não aconteceu devido à presença maciça da classe alta detentora da maioria dos grandes terrenos no local que não gostaria que o local perdesse o status de balneário.

Em termos de funções, compõe-se fundamentalmente composta por residências uni e multifamiliares e comércio varejista local, cujo centro de bairro (Figuras 05 e 06) é fronteiro aos bairros da Portuguesa e Jardim Carioca servindo pontualmente à tríade, em termos de prestação de serviços básicos e edificações institucionais, principalmente escolas particulares, atendendo a demanda da clientela vicinal e local.

Figura 05

Vista Aérea do Centro de Bairro



Fonte: Mapa esquemático da Ilha do Governador, feito a partir de base cartográfica do Google Earth (Em 22/09/2006).

Autoria: Rafael da Silva Verissimo

Em estudo realizado pelo Instituto Pereira Passos, constatou-se o progressivo aumento no padrão de qualidade de vida do bairro no período de 1991 e 2000 levando o bairro ao posto de terceiro melhor IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) do Rio de Janeiro (vide Gráficos 01 e 02 em Anexo) superado apenas pelos bairros da Gávea (1º) e Leblon (2º) por conseguinte, obtendo a elevação do padrão de longevidade dos seus habitantes, o IDH-L - Índice de Longevidade.

Figura 06
Zoneamento



Fonte: Mapa esquemático da Ilha do Governador, feito a partir de foto aérea do Google Earth (Em 22/09/2006) com dados do CD de Zoneamento da Cidade do Rio de Janeiro.

Autoria: Rafael da Silva Verissimo

As principais razões para que o panorama do bairro transmutasse a um padrão mais elevado estão diretamente ligados a quatro variáveis constitutivas de avaliação do próprio IDHM, que são:

- 1) expectativa de vida (80,47 anos);
- 2) alfabetização (98,92 %);
- 3) taxa bruta de matrícula nos três níveis de ensino (111,5 %);
- 4) PIB per capita (R\$ 1316,86).

Pelo fato de boa parte dos moradores possuírem um alto poder aquisitivo (a renda oscila entre média e alta) torna-se mais fácil o acesso a bons serviços incluindo educação, o que acarreta na melhoria do padrão de qualidade de vida. Posteriormente à constatação dos dados fornecidos acima, estatuiu-se uma sumária análise dos aspectos e características básicas que pudessem ser compatíveis e influenciáveis com o gabarito pertinente ao bairro, onde pôde-se identificar o seqüente conspetto:

A) Aspectos negativos

- Acesso único para conectar o bairro com outras partes cidade;
- Escassa oferta de transportes coletivos com trajetos limitados bem como baixa assiduidade;
- Espaços públicos inadequados às necessidades dos deficientes físicos;
- Poluição da Praia da Bica;
- Progressiva expansão da Favela Serra Morena;
- Ausência de opções de lazer e culturais.

B) Aspectos positivos

- Considerável infra-estrutura (fornecimento de água, energia, etc);
- Arborização urbana;
- Boas áreas de lazer e convívio social;
- Baixa densidade de fluxos (automóveis);
- Baixo índice de poluição sonora e do ar;
- Agradável paisagem;
- Setor residencial com ótimas edificações .

Os índices avaliados pelo IDHM juntamente com os aspectos positivos amistam-se em benefício do desenvolvimento e da conservação do qualitativo padrão que o bairro detém, ainda que os aspectos negativos também possuam seu peso na configuração do bairro. Sendo assim, tomando-se como base a perspectiva prefigurada, a coleta de dados em pesquisa efetuada mediante questionário (vide em Anexo) e a atinente avaliação das respostas obtidas associada ao levantamento in loco, buscou-se compreender sua dinâmica urbana bem como a mecânica produzida no intuito de evidenciar a potencialidade retratada pelo bairro Jardim Guanabara.

5. Análise urbana e morfológica

A paisagem urbana do bairro é bastante heterogênea do ponto de vista da diversidade de traçados. Tal vissicitude tipológica entremeia-se do padrão barroco clássico reticulado ao estilo orgânico e sinuoso (Figuras 06 e 07) resguardando suas quadras as quais estão subdivididas na sua menor unidade morfológica - o lote - e cujas dimensões são convencionadas pela legislação urbanística pertinente à área de planejamento.

Cada agrupamento no interior das quadras e cada composição tecida pelos lotes promovem e geram a malha que forma os distintos tipos de traçado urbano existente no bairro. Quadras podem possuir o mesmo tipo de suporte físico (terrenos planos, em declive, etc) assim como a utilização do seu conteúdo (residencial, comercial, institucional, etc), entretanto a forma de ocupação, formato, dimensões, distribuição, qualificação, uso dos volumes construídos deslindam e diferem uma quadra das demais gerando, dessa forma, a multiplicidade e a disparidade.

Figuras 06 e 07

Tipos de traçado no Jardim Guanabara

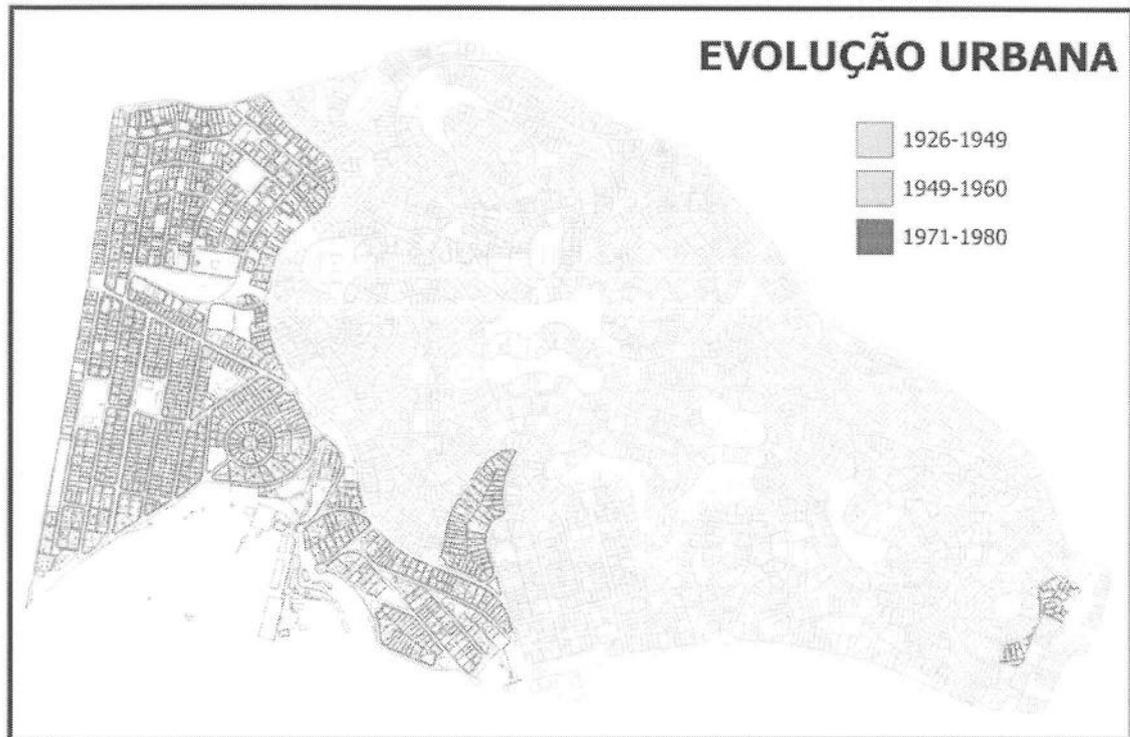


Fonte: Google Earth (Em 22/09/2006)

O processo de transformação urbano-morfológica do bairro é dado de modo mais flagrante em meados dos anos 60 quando frequentadores de classe alta se deslocam até o local para passar fins de semana ou férias. A aquisição de bons terrenos com dimensões consideráveis e a próximos ao mar por preços acessíveis propiciou o adensamento populacional e, conseqüentemente, a evolução urbana do bairro.

No caso do Jardim Guanabara, seu tecido urbano, conforme mencionado, é provindo do projeto primígeno estipulado por Jorge de Macedo Vieira de traçado com padrão sinuoso e mais livre. Adjacente às suas estremaduras o bairro iniciou seu processo de transformação morfológica lastrando-se com traçados similares e díspares exatificando-o no formato que perdura até a atual conjuntura (Figura 08).

Figura 08
Evolução Urbana do Bairro



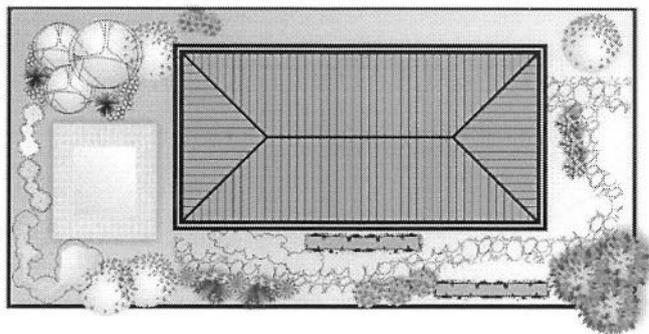
Fonte: Mapa esquemático da Ilha do Governador, feito a partir de base cartográfica do IPP.

Autoria: Rafael da Silva Verissimo

A abrangência pertinente ao ambiente construído permite aquilatar os aspectos locais, as práticas sociais, a manutenção da sua identidade e de sua memória.

Encetando como a parcela fundiária mínima - o lote - prejudica-se a noção de habitação. O conceito de lote ideal na tipologia urbana residencial estaria vinculada a parcelas com afastamento frontal e jardim, recuos laterais espaçosos e quintal na parte posterior (Figura 09). No Jardim Guanabara uma avultosa quantidade de lotes com este padrão ainda é encontrada ao longo de suas vias.

Figura 09
Padrão de lote ideal - Planta Baixa



Fonte: Rafael da Silva Verissimo

Entretanto devido aos anseios do atuante mercado imobiliário no momento em que o bairro se desenvolvia, os recuos laterais são cerceados parcial ou totalmente gerando dessa forma uma continuidade espacial das edificações, além de criar uma continuidade espacial maior. Em determinadas conjeturas o afastamento frontal é mantido, ainda que subdimensionado ou minorado, defendendo a lícita justificativa de que a edificação contígua ao alinhamento da calçada não é almejável. É preferível dissociar-se da rua como forma de proteção, segurança e privacidade. E ainda que os afastamentos frontais perseverem seus antigos padrões, muitos deles agora são resguardados por muros cada vez mais altos e monitorados por sistemas de segurança.

Relacionados aos quarteirões, estes fundamentam-se ou no ambiente construído ou no processo do traçado concomitantemente com a sua parcela fundiária. Basicamente o quarteirão agrupa os lotes no seu interior sendo delimitado por três ou quatro vias e constituindo em um elemento identificável na estruturação urbana. Os grandes lotes existentes no preliminar projeto de loteamento detinham de dimensões consideráveis chegando a abrigar mais de três quadras, porém devido à evolução do bairro foram desmembrados e subdivididos em parcelas menores para que a região alavancasse e redundasse no aumento do contingente populacional.

Segundo Lamas (1999), o quarteirão agrega e organiza também os outros elementos da estrutura urbana: o lote, a edificação, o traçado e a rua, e as relações que estabelecem com os espaços públicos, semi-públicos e privados. Os quarteirões instrumentalizam a produção do espaço, condicionando a localização e a definição da arquitetura pretendida bem como concatenando com a estrutura urbana.

Um fator de pujante valia é em relação à verticalização dos espaços, que em inúmeros bairros da cidade impera devido à grande densidade e estagnação do tecido urbano em busca da racionalidade e eficácia tecnológica e enalço pela disputa do solo. Entretanto essa verticalização não ocorreu no Jardim Guanabara devido à legislação urbanística prescrevendo e determinando a restrição quanto o gabarito das edificações - máximo de quatro pavimentos - em decorrência da proximidade do Aeroporto Antônio Carlos Jobim, e por essa razão não ocasionando a obstrução do espaço aéreo urbano. Essa adstrição edilícia intimida e sobressalta sobre as investidas do capital especulativo imobiliário fazendo com que sua atuação seja reduzida no que tange à obtenção de lucro via quantificação edflica na sua enfática demanda de solo urbano.

Observando-se a profusão de projetos incongruentes e efêmeros de renovação urbana, o bairro manteve-se isento das cirurgias cidadinas pontuais que se assomam várias partes da cidade. Em muitos casos o processo de renovação urbana aniquila e extingue parcial ou diametralmente suportes materiais para a conservação da memória urbana. Ruas, avenidas, residências, monumentos enfenezem sendo comutados por ambientes quantitativos ao invés de qualitativos na permutação dos mesmos componentes. Todavia a conformação morfológica foi praticamente mantida em toda a extensão do bairro. O traçado curvilíneo pouco foi alterado da sua concepção original. Circunstancialmente o fenômeno ocorrido foi o espraiamento da malha urbana, devido ao crescimento populacional, através de adendos que oscilam da equável tipologia até traçados ortogonais alojando residências de cunho unifamiliar. É imprescindível conservar e restabelecer as especificidades dos recortes urbanos tradicionais, mas sempre levando em conta sua complexidade e totalidade.

Há muitas teorias sobre investigação urbana tendo como parâmetro a morfologia e seus componentes, impressões da esfera cognitiva e simbólica e percepções sobre o ambiente construído bem como a paridade entre os usuários e a localidade.

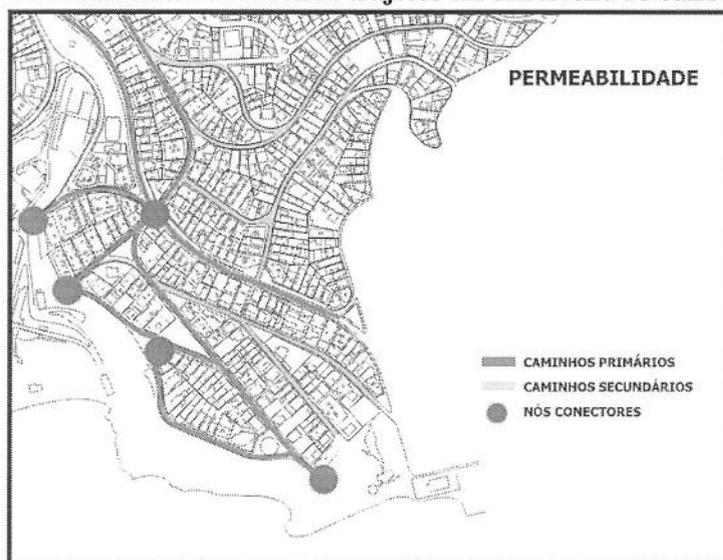
Segundo Krier (1991), "*... a boa cidade (por sua natureza ecológica), em que a totalidade das funções urbanas é fornecida dentro de distâncias a pé compatíveis e agradáveis*". Somente lugares acessíveis são exequíveis de proporcionar escolhas, pois o alcance que qualquer ambiente defere aos usuários é ponto pacífico que sujeita e mede sua responsividade, cujo denominação é intitulada como *permeabilidade*.

Óbviamente se cada espaço fosse acessível a qualquer pessoa tanto visualmente quanto fisicamente, não instituir-se-ia da tão renhida privacidade. Advém daí, o pertinaz mister da

demarcação e bipartição em espaços públicos e privados. Ambos espaços não operam emancipadamente e carecem de uma interface entre si.

A permeabilidade dos espaços públicos resulta da quantidade de percursos que são ofertados em uma localidade ou perímetro. Tal característica está intimamente ligada ao conceito de visibilidade, pois senão somente as pessoas que conhecem claramente a área tirariam partido. No Jardim Guanabara, as ruas condescendem a percepção dessa característica numa gama de rotas e trajetos diversificados promovendo deslocamentos alternativos nas suas cercanias. (Figura 10)

Figura 10
Permeabilidade e fluidez de trajetos em um trecho do bairro



Fonte: Mapa esquemático da Ilha do Governador, feito a partir de base cartográfica do IPP.

Autoria: Rafael da Silva Verissimo

Contudo a permeabilidade urbana se depara com três coeficientes que entoam contra a sua sustentabilidade:

- o progressivo aumento da escala de desenvolvimento devido ao arraigado crescimento do contingente populacional gerando, em muitos casos, quadras excessivamente desmensuráveis. Segundo Jacobs (2003), "*a maioria das quadras deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes*". Tal declaração reforça o coeficiente de permeabilidade referido;
- uso da hierarquia na concepção de projetos urbanos circunstancialmente seriais e contíguos;
- segregação entre pedestres e veículos outorgando-lhes percursos diferentes em alguns casos.

A permeabilidade, no seu prospecto visual, afeta um elemento substancial na forma urbana - as esquinas. O lote localizado em uma esquina possui particularidades diferentes: ele tem duas fachadas sobre a rua. Em muitas das quinas das ruas do Jardim Guanabara, não há ocupação com edificações impedindo o estabelecimento de esquinas cegas e, conseqüentemente, evitando acidente com veículos.

De acordo com Panerai (2006), "*O percurso não é somente uma sucessão de peripécias turísticas que assaltam o transeunte...*". Há uma sorte de outros elementos que são altamente consideráveis na organização do espaço urbano, tais como conforto, segurança e acessibilidade.

Concernente à acessibilidade de determinados espaços, estes são unicamente atrativos se ofertarem escolhas. A noção de *variedade experimental* e seu escopo é aumentar a capacidade de escolha dos usuários, onde tal preferência está integralmente condicionada com a mobilidade espacial aprovionada pelo recinto urbano. Usuários podem fruir com um aproveitamento melhor se houver um leque de opções com um programa de atividades variadas, ainda que estejam fisicamente espalhadas em uma ampla área. Entretanto a viabilização do conceito de variedade é um estuante problema, ao qual é parcialmente identificável no Jardim Guanabara.

Sua implementação é perceptível como um problema pelo fato de pequenos empreendedores e arrendatários locais serem os principais proprietários dos exíguos terrenos desocupados remanescentes e o poder público abarcador de algumas áreas livres ociosas e entregues ao desmazelo e insuficiente manutenção (Figuras 11 a 12) fazendo com que o desempenho em relação à serventia e aproveitamento do solo urbano seja parco e inerte. E o é de tal maneira pela restrição da própria regulamentação edilícia impedindo que a cota de pavimentos aumente não fomentando assim a eclosão populacional no bairro e a própria localização destes terrenos no bairro. Pois sujeitando-se a uma edificação cujo programa arquitetônico urja uma demanda de usuários largamente elevada, o acesso a estes terrenos provocaria o aumento do fluxo de veículos na região e, por conseguinte, o congestionamento das vias que, em sua maioria, são de limitada capacidade de suporte. Cria-se, então, uma espécie de impasse no que é tangível à melhoria da qualidade do espaço urbano no bairro, pois o flanco privado intenta angariar lucro via performances eficientes e lucrativas sem objetivar um ambiente esmerado e proveitoso enquanto a vertente pública pleiteia espaços e locais que sejam fáceis de gerenciar e administrar mascarando o artificial interesse pela localidade em

questão. Tal tolhimento de ordem fundiária acarreta diretamente sobre a variedade que o bairro pode sustentar e creditar aos seus usuários na qualificação dos espaços urbanos.

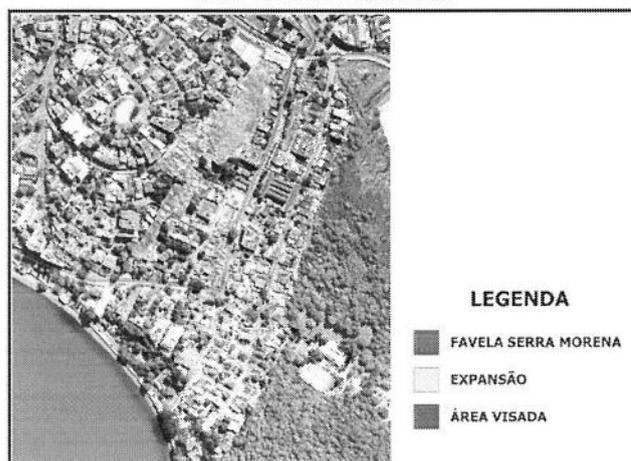
Figuras 11 e 12
Áreas livres e ociosas no bairro



Fonte: Google Earth

A estruturação espacial do bairro tem enfrentado um problema bastante sério na ordenação do seu espaço: o crescimento da Favela Serra Morena. De acordo com os moradores, barracos estão sendo construídos em uma área de preservação ambiental e, com isso, a ocupação irregular estaria colaborando para a destruição da mata (Figura 13).

Figura 13
Favela Serra Morena



Fonte: Feito a partir de foto aérea do Google Earth (Em 22/09/2006)

Autoria: Rafael da Silva Verissimo

De acordo com estudo realizado pelo IBGE, em 1991 havia 124 domicílios e 530 habitantes. Atualmente, estima-se que o número de habitantes tenha aumentado para 800 pessoas com a probabilidade que esse número possa crescer ainda mais.

A partir desta constatação, verifica-se um processo de segregação social por parte dos moradores do Jardim Guanabara em relação aos ocupantes da favela gerando, dessa forma, o paradigma do conflito sócio-espacial com o receio de afetar o dinamismo da paisagem urbana local com a inserção de novos elementos construtivos não-condizentes com o padrão de vida dos moradores. Além disso, a ocupação de uma área de preservação pela favela remete a perda do espaço de uso público e o aumento do contingente populacional no bairro e, num futuro não muito distante, graves consequências ambientais, como por exemplo, a intensificação da já existente poluição da Baía de Guanabara.

De acordo com Jacobs (2003), *"um bairro bem-sucedido é aquele se mantém razoavelmente em dia com seus problemas, de modo que eles não o destruam"*. Sendo assim, os moradores do Jardim Guanabara, cientes de que é praticamente impossível promover a remoção dos moradores da favela, buscam alternativas de reter o crescimento da favela junto aos órgãos competentes e minimizar o impacto causado por ela.

A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro possui um Plano Estratégico Regional para a Ilha do Governador, mas não possui um plano de intervenção específico para o bairro do Jardim Guanabara. Tal plano tem como objetivo central ser a principal base de chegada do turista à cidade, preservando a qualidade de área residencial e incrementando as atividades esportivas, culturais e artísticas, cujas principais estratégias são:

- 1) Consolidar a base principal de chegada do turismo à cidade;
- 2) Preservar a qualidade do setor residencial;
- 3) Fortalecer as atividades esportivas da região envolvendo a comunidade;
- 4) Fortalecer as atividades culturais e artísticas envolvendo a comunidade;
- 5) Preservar e recuperar o meio ambiente construído e natural;
- 6) Desenvolver programas complementares visando a melhoria das condições de vida na região.

Juntamente com os orçamentos participativos de 2003 e 2004, há a previsão da implementação de vários projetos, tais como o tratamento e limpeza das áreas de manguezais e da orla da Baía, pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SMAC, criação e ampliação de projetos da Secretaria Municipal do Trabalho para geração de emprego e renda na Região através de convênios com a indústria e o comércio, a preservação dos manguezais, etc.

6. Conclusão

Mumford (1998) afirma, "*a cidade é o ponto máximo de concentração de poder e cultura de uma comunidade*". Se a cidade incorpora plenamente tal definição, pode-se afirmar que a unidade bairro é o vetor de sustentação dessa premissa atrelado, sendo a base para legitimar a estruturação da cidade como um todo e atrelado às condicionantes que o conformam. Kostof (1992) declara, "*Nós precisamos acentuar o fato principal de que cidades são artefatos duradouros*". Baseado nessa asserção, a afirmativa de Mumford é absolutamente confirmada. A morfologia urbana e seus elementos constituintes denotam-se instrumentos úteis no questionamento das várias escalas de abordagem concernentes às dimensões espaciais em que a forma urbana se manifesta pertinentemente aos aspectos configuracionais. Seus subsídios coalescem a rigidez e estreiteza do ambiente construído, do meio estático coexistentemente aos valores cognitivos e propósitos sociais expressos na constituição da ambiência urbana.

A forma urbana perfaz e estabelece a base material pelo qual é factível ponderar, discutir, avaliar e efetivar impressões e práticas sociais bem como acomentimento dos processos de organização social pelas suas características distintivas e configurativas. Sua compreensão e percepção laboram como esquadrinhadores alvitando de que maneira é viável conhecer uma localidade por intermédio das suas formas e quais são os métodos e mecanismos fidedignos e genuínos para mensurá-la e reconhecê-la.

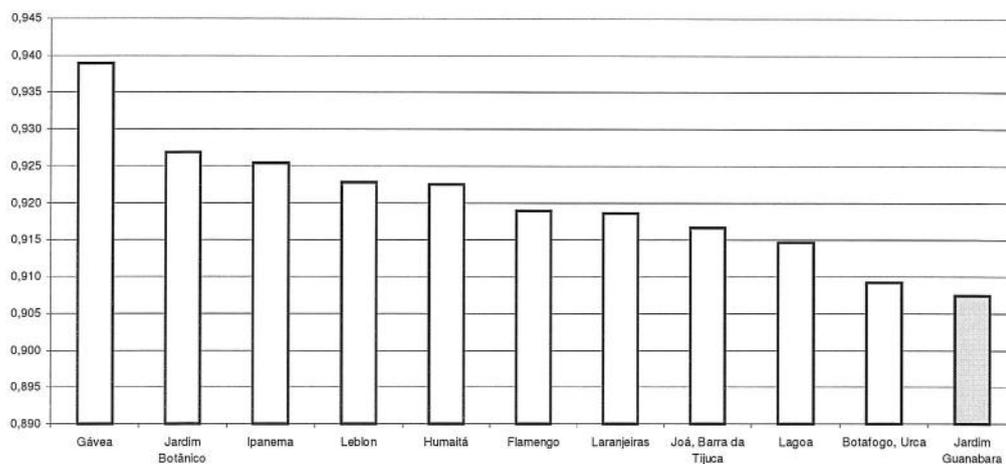
O bairro Jardim Guanabara foi escolhido como objeto de estudo por apresentar elementos morfológicos bastante específicos, cujas leituras e abordagens sobre a apreensão da forma urbana podem ser aplicadas levando em conta a história, as transformações ocorridas, os processos sociais e a memória urbana. Cabe às autoridades públicas estarem cientes dos limites e potencialidades apresentadas pelo bairro e, no que for possível, promover o desenvolvimento da região com a concretização dos projetos propostos.

7. Referências Bibliográficas

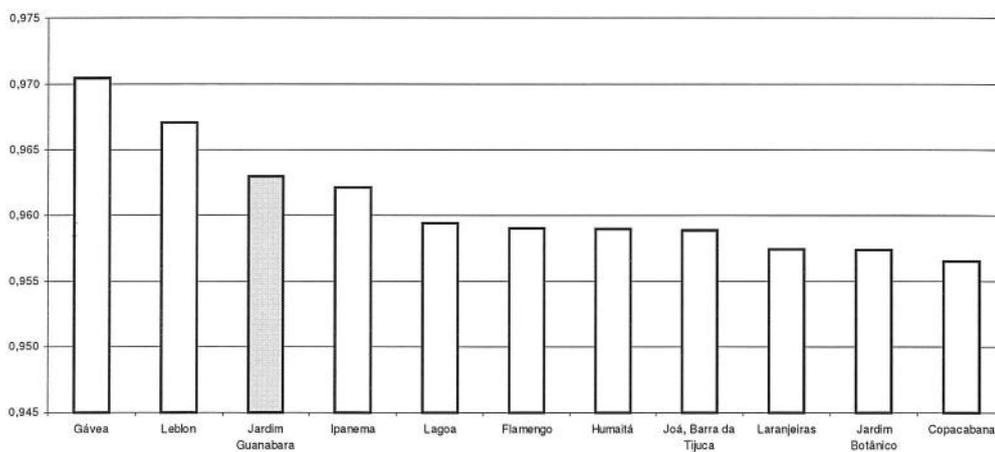
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Ed. Loyola, 1999.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2003.
- KOSTOF, Spiro. **The City Assembled: The Elements of Urban Form Through History**. London, Thames and Hudson, 1992.
- KOSTOF, Spiro. **The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History**. London, Thames and Hudson, 1991.
- KRIER, Rob. **Urban Space**. London, Academy Editions, 1979.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian : Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. Ed. Martins Fontes, Sao Paulo, 1998.
- PANERAI, Phillipe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

09. Anexo

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH) - 1991



Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH) - 2000



QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

PARTE I

01- Nome: _____

02- Idade: _____ anos

03- Sexo: [] Masculino [] Feminino

04- Qual a sua escolaridade:

[] Nenhuma

[] Ensino Fundamental (Antigo 1º Grau)

[] Ensino Médio (Antigo 2º Grau)

[] Nível Superior

[] Pós-graduação

05- Você é:

[] Residente [] Freqüentador

Se residente, há quantos anos mora no bairro? _____

PARTE II

01. Descreva sua identificação com o bairro.

02. Cite três palavras que descrevam o bairro.

03. Cite três locais indispensáveis para você.

04. Cite três locais que são completamente dispensáveis

[] Precária

[] Pobre

[] Satisfatória

[] Boa

[] Excelente

05. Como você qualifica a estrutura urbana do bairro (ruas, praças, iluminação pública, tráfego, etc)?

PARTE III - ILUMINAÇÃO PÚBLICA

1. Como você classifica a iluminação pública do bairro?

[] Precária

[] Pobre

[] Satisfatória

[] Boa

[] Excelente

02. A iluminação é a mesma ao longo dos trajetos?

[] SIM [] NÃO

03. Há luminárias apagadas? Poucas ou muitas?

[] SIM [] NÃO _____

04. Você sabe a quem recorrer no caso das luminárias, postes estiverem danificados?

[] SIM [] NÃO

05. É capaz de identificar um rosto a 15 metros de distância?

SIM NÃO

06. A iluminação encontra-se obstruída por árvores ou arbustos crescidos?

SIM NÃO

PARTE IV - SINALIZAÇÃO

Uma boa sinalização permite saber onde se está e quais recursos encontram-se disponíveis (acessos, edificações, etc), além de desenvolver certa familiaridade com o lugar

1. Há alguma placa, letreiro, outdoor identificando o lugar onde você se encontra?

SIM NÃO

2. Se não, há placas informativas de direção permitindo saber para onde se guiar?

SIM NÃO

3. Há sinalização que indique onde obter ajuda de emergência, caso essa seja requerida?

SIM NÃO

4. Com relação aos edifícios de uso público, as saídas são indicadas na direção para onde apontam?

SIM NÃO

5. Qual sua impressão sobre a sinalização existente?

Precária

Pobre

Satisfatória

Boa

Excelente

PARTE V - CAMPOS VISUAIS

01. É possível ver com clareza, nos seus trajetos habituais, o que se sucede adiante (em torno de 15 a 30 metros)?

SIM NÃO

02. Caso não seja assim, quais seriam as razões:

a. esquinas cegas

b. postes desalinhados

c. muros

d. arbustos altos

e. grades

f. elementos de uso inapropriado do espaço (camelôs, ambulantes, etc)

g. outros. Quais? _____

03. Há locais no seu trajeto onde existe a possibilidade das pessoas se esconderem?

SIM NÃO

Quais?

04. Que pode-se fazer para melhorar isso?

- a. uso de materiais transparentes []
- b. remoção de veículos indevidamente estacionados []
- c. ampliar a angulação das esquinas []
- d. podar arbustos []
- e. espelhos de segurança []
- f. outros. Quais? _____

PARTE VI - ISOLAMENTO VISUAL

01. No momento do percurso, as áreas encontram-se desertas?

- [] SIM [] NÃO

02. Quantas pessoas encontram-se no local?

a. Manhã

- [] Nenhuma
- [] Algumas
- [] Várias
- [] Muitas

b. Durante o dia (de manhã até o fim da tarde)

- [] Nenhuma
- [] Algumas
- [] Várias
- [] Muitas

c. Ao anoitecer

- [] Nenhuma
- [] Algumas
- [] Várias
- [] Muitas

d. Noite (Após às 22:00hs)

- [] Nenhuma
- [] Algumas
- [] Várias
- [] Muitas

03. É fácil prever a presença de pessoas?

- [] SIM [] NÃO

04. Faça seu comentário:

PARTE VII - AVALIAÇÃO DA PAISAGEM URBANA LOCAL

Permite avaliar qual o uso dos espaços, impressões, tipologias, etc.

01. As áreas livres (praças, parques, orla da praia) são bem cuidadas?

- [] SIM [] NÃO

02. Qual sua impressão sobre a manutenção das áreas livres?

- Precária
- Pobre
- Satisfatória
- Boa
- Excelente

03. Justifique:

04. Observa-se a presença de lixo e detritos?

- SIM NÃO

05. Qual a impressão que você tem do bairro por ele mesmo no que concerne ao aspecto visual?

- Precária
- Pobre
- Satisfatória
- Boa
- Excelente

06. Se você não morasse no bairro, você se identificaria-se facilmente com ele? Por que?

- SIM NÃO

07. Os acessos ao bairro são definidos e visíveis?

- SIM NÃO

08. As áreas livres contam com campos visuais agradáveis? Comente

- SIM NÃO

09. Nas áreas livres há atividades de convívio social promovendo a integração entre as pessoas?

- SIM NÃO

10. Cite 3 vantagens e 3 desvantagens do bairro.

Vantagens

Desvantagens

Muito obrigado pela sua colaboração
Atenciosamente
Rafael Verissimo